

COSTA, Maria Teresa. Derrota em 32 centralizou o poder, diz historiador: revolução completa hoje 60 anos e poderia Ter mudado a configuração política no Brasil. Correio Popular, Campinas, 09 jul. 1992.

Revolução completa hoje 60 anos e poderia ter mudado a configuração política no Brasil

MARIA TERESA COSTA

A centralização política e econômica do governo federal seria bastante menor se há 60 anos os paulistas que se lançaram na Revolução Constitucionalista de 1932 tivessem vencido. Disso, o professor do Departamento de História e diretor associado do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), **Edgar de Decca**, não tem a menor dúvida. "As lideranças do movimento não souberam aproveitar a bandeira de autonomia dos Estados. Até hoje isso tem reflexos. As oligarquias nordestinas estão perpetuadas no Estado, São Paulo continua sustentando o País, mas a representatividade de São Paulo no Congresso continua desfavorável", afirma.

Autor do livro *Silêncio dos Vencidos*, em que analisa o final da década de 20 e metade da de 30, De Decca observa, por exemplo, que a Revolução de 32, deflagrada há exatos 60 anos, teve forte dose emocional, fato que contribuiu para a derrota paulista frente às forças federais de Getúlio Vargas.

"Foi um movimento, observa, que não teve a participação do operariado; estes, semanas antes da deflagração da revolução, tinham paralisado por 20 dias a indústria paulista em uma greve geral motivada por uma posição contrária às leis trabalhistas de Getúlio Vargas, que dois anos antes tomara o poder e se mantinha no governo provisório. As lideranças políticas paulistas (Partido Republicano e Partido

Democrático, aliados do poder) não conseguiram cooptar os sindicatos, observa De Decca, mesmo porque os operários também estavam contra o governo paulista.

Quem contribuiu e até saiu fortalecido com o movimento, afirma De Decca, foram os empresários. A crise de 1929 havia acarretado enormes prejuízos ao parque industrial paulista. A legislação trabalhista de Vargas implicava ônus ainda maior e o único setor que podia sustentar as milícias era a indústria. É nessa revolução que, pela primeira vez, se faz um cadastro industrial sério. Com 32, a indústria se recuperou e aos poucos foi ganhando tempo para ir modificando itens da legislação trabalhista.

A origem do movimento, observa, é o conjunto de diferenças políticas que se reúne depois da Revolução de 30 e forma a Frente Única Paulista. Esses grupos — Partido Republicano Paulista e Partido Democrático — que convencem as classes altas e médias a fazerem sua própria revolução, sob a bandeira da constitucionalização do País. A precipitação em deflagrar a revolução, comenta o historiador, fez com que os paulistas perdessem, porque em menor número e com menor poderio de fogo que as forças federais, não lhes restou outra saída a não ser a rendição em outubro.

Minas, Paraná e Mato Grosso, que haviam prometido apoio, recuaram e a morte dos quatro estudantes de direito, Miragaia, Dráusio, Martins e Camargo, em maio, acabou levando a população à comoção geral. Sob forte clima emocional empunhando a bandeira da constitucionalização, os paulistas se lançaram, em 9 de julho de 1932, numa guerra.



Ex-combatentes da Revolução Constitucionalista de 1932: escrevemos linda história para São Paulo